

SIM

Os jogos olímpicos se transformaram num Ao sol e a sombra dos negócios

Manoel Luis Martins da Cruz

Prof. de Educação Física da Universidade Federal de Rio Grande (FURG)

A pergunta formulada nos leva a vários caminhos no esforço de contribuir para um exame da questão apontada. Pensar em *jogos olímpicos* é pensar em esporte, em espetáculo, em mercadoria, em profissão, lucros, mercados, rentabilidade, investimentos, enfim, em negócios.

Tenho grandes dificuldades para tratar de negócios. Sou um péssimo negociante (sou mais afeito ao ócio, porque este é potencialmente transformador) e, talvez por isso, entre outros motivos, busquei na Licenciatura em Educação Física alicerçar meus conhecimentos para a profissão com a qual sonhava desde menino.

Digo isso para deixar logo evidente o que penso sobre os *jogos olímpicos* e, nas linhas que se seguem, vou tratar de viajar pelas idéias que têm me ocupado os pensamentos há mais de duas décadas. Vou exercitar meu direito a dizer a palavra na forma como elas se apresentarem e, é claro, me esforçarei para ser organizado o suficiente para dizer o que precisa ser dito e esclarecer minha posição sobre os fatos. Mas que fatos são esses?

Um deles é o surgimento da disputa, no final da primeira metade do século XX, entre os irmãos Dassler, Adolf e Rudolf. O primeiro criou a marca Adidas (ADI_ apelido de Adolf + DAS, de Dassler) e o segundo fundou a marca Puma.

Outro fato marcante é o desdobramento dessa disputa inicial a partir da chegada do jovem Horst Dassler (filho de Adolf e Käthe Dassler) à frente de parte dos negócios da Adidas. Os pais de Horst não faziam a mínima idéia dos efeitos que adviriam para o universo dos esportes o chamado dirigido ao filho quando ele estudava inglês em Londres em 1956, para que, então com vinte anos de idade, fosse para a Olimpíada de Melbourne promover os calçados da Adidas. Seu estilo agressivo à frente dos negócios determinou o início de uma abominável e acirradíssima disputa comercial entre os dois ramos da família e provocou profundas transformações no cenário esportivo mundial ao longo da segunda metade do século XX.

O crescimento extraordinário da indústria esportiva desde então, bem como a intervenção direta dos produtores de material esportivo junto a atletas, treinadores e dirigentes, a fim de consolidarem suas empresas e garantirem a expansão dos seus negócios em escala planetária, fizeram com que o *esporte olímpico* e os campeonatos mundiais de



futebol (as copas do mundo) fossem atravessados, desde então, por interesses externos às competições esportivas. A ação dos negociantes foi tão intensa a ponto dos seus interesses passarem a sobrepor-se aos interesses dos atletas, das competições e até mesmo de governos. O senhor Horst Dassler pode ser considerado por alguns como um gênio do mundo dos negócios, mas para quem ama o esporte, ele pode ser considerado o principal carrasco dos ideais olímpicos, pois sua imensa habilidade para seduzir dirigentes esportivos, governantes, jornalistas e atletas, fez com que pouco a pouco o espetáculo esportivo fosse transformado em uma mercadoria para alavancar os negócios de suas empresas através da exposição bem planejada das famosas três listras da Adidas.

A história destas listras, do amor dos Dassler pelo esporte, do seu envolvimento com o regime nazista alemão, do surgimento da Adidas e da Puma, após a separação traumática havida entre os irmãos, bem como das disputas e do envolvimento dessa família com as profundas transformações havidas no esporte moderno, podem ser vistas na obra da jornalista holandesa Barbara

Smit, que durante cinco anos percorreu diversos países para reconstituir os fatos e apresentá-los, em 2007, sob o título: *Invasão de Campo – Adidas, Puma e os bastidores do esporte moderno*.

Também não podemos deixar de citar, ao falarmos sobre os *jogos olímpicos*, o trabalho dos jornalistas Vyv Simson e Andrew Jennings, que foram os primeiros a penetrar no fechado círculo do esporte e expor ao mundo a verdadeira face dos *senhores dos anéis olímpicos*, expressão que, aliás, deu nome ao primeiro livro por eles publicado em 1992 e que anunciou suas descobertas acerca dos métodos utilizados por Horst Dassler e outras personalidades do ramo para fazer valer os interesses comerciais de suas empresas. Na obra, *Os senhores dos anéis*, os dois jornalistas desmontam passo a passo, a farsa em que foi transformado o conjunto das competições esportivas de alto rendimento.

Simson & Jennings não pouparam os dirigentes esportivos aparentemente “acima de qualquer suspeita”, que durante décadas se mantiveram à frente das organizações esportivas e que, com

raríssimas exceções, ao saírem de cena trataram de garantir seu futuro deixando os sucessores nos devidos lugares a fim de que o esquema fosse mantido, como é o caso de vários dirigentes esportivos do Brasil e do mundo que comandam de maneira autocrática, despótica e vitaliciamente as entidades que controlam o bilionário *esporte moderno*.

Na linha de irmos formando um quadro mais acabado dessa triste situação, vale também um passeio pelas lindas crônicas de Eduardo Galeano em seu *Futebol ao sol e à sombra*. Nesta obra, o autor nos brinda com o seu peculiar modo de escrever, falando a partir de seus sentimentos, percepções e informações sempre preciosas acerca dos mais belos lances do mundo do futebol, daquilo que esse esporte ainda guarda de jogo, de alegria, de beleza e espontaneidade (diga-se, cada vez mais raros...), e, como não poderia deixar de ser, tratando-se de um homem voltado à reflexão sobre o nosso injusto mundo, Galeano também nos demonstra os efeitos absolutamente nefastos que os interesses do capital produziram no mundo da bola. Assim, intercalando o sol e a sombra, ele nos deixa a sensação que temos de seguir caminhando na busca da recuperação das relações humanas visando à construção de uma sociedade bem melhor do que a que hoje predomina no planeta e de que é possível fazê-lo sem abrir mão do que de belo o esporte pode ainda nos propiciar, enquanto espaço possível para o encontro, para a solidariedade e a busca da horizontalidade entre povos, estados e culturas.

Por fim, cabe o convite aos leitores para que busquem as fontes aqui citadas (e outras tantas) e examinem as informações ali contidas. Examinem e se deixam impregnar pela verdade tantas vezes ocultadas de todos nós por aqueles que se dizem os porta-vozes da verdade, quando na realidade não passam de lacaios dos que transformaram o esporte e os jogos olímpicos em tristes espetáculos. Não se satisfaça com a aparente beleza que o conjunto de câmeras dispostas em Pequim tratou de nos enviar a partir dos locais das competições. Tampouco se deixe seduzir pela emoção dos atletas, não raras vezes provocada diante das câmeras por jornalistas (sic) que se negam a nos dizer a verdade, pois antes se negam, deliberadamente, a conhecê-la.

“Temos de caminhar na busca da recuperação das relações humanas”